

THE WALL STREET JOURNAL.

seattletimes.com
The Seattle Times

Jornalismo para cientistas

Se há problemas, a culpa é da imprensa, que não soube noticiar, explicar e nem reproduzir corretamente as informações. E, ainda por cima, distorce fatos. Tais afirmativas, comuns na boca de políticos, parecem se repetir com frequência crescente nos Estados Unidos entre pesquisadores quando o assunto é a imprensa especializada em ciência e tecnologia. Editorial da revista *Nature* (4 de abril) chama a atenção para as freqüentes críticas de pesquisadores ao “mau jornalismo” que acabam por “desvirtuar” o trabalho científico. A revista alerta para o fato de os exemplos ruins serem exceção e não a regra. Além disso, os cientistas têm uma clara dificuldade em lidar e entender as necessidades da mídia. Hoje, é comum o jornalista procurar a especialização em ciência – mas continua sendo raro o pesquisador que se interessa em entender como funciona a mídia. Um episódio recente colocou a questão na ordem

do dia. O jornal *The Seattle Times* fez uma série de reportagens em 2001 sobre o Fred Hutchinson Cancer Research Center, em Seattle. O centro teria errado ao informar a pacientes sobre os riscos de um experimento contra câncer realizado nos anos 80. O jornal concluiu que os pesquisadores tinham interesses financeiros no trabalho e por isso levaram os testes adiantes, o que teria abreviado a vida dos pacientes envolvidos. Os pesquisadores se defenderam alegando que a reportagem é que estava errada. Pelo trabalho, os repórteres do *Seattle Times* foram indicados ao Prêmio Pulitzer, o mais importante do jornalismo norte-americano (não ganharam). Em março, o *Wall Street Journal* entrou na briga acusando o *Seattle Times* de ter deturpado o trabalho científico. O bate-boca, como era de se esperar, não deu em nada. Mas cientistas e jornalistas deveriam aproveitar e tirar algum proveito do episódio. ●

■ Debates científicos com crianças

O governo britânico quer as crianças discutindo questões sociais relacionadas a temas como alimentos geneticamente modificados ou aquecimento global nas aulas de ciências. “Queremos os jovens pensando a ciência a partir de uma perspectiva mais abrangente”, disse à revista *Nature* (7 de março) Peter Finegold, da Wellcome Trust, organização que financia pesquisas na Inglaterra. No entanto, a boa intenção está sendo vista com certo descrédito por especialistas no assunto. Para eles, faltam recursos e treinamento aos professores de ciência. Em 2001, o próprio Wellcome Trust relatou que a maioria das discussões sobre temas biomédicos ocupavam as aulas de humanas em vez das de ciências. “Em geral, os professores de ciências não têm habilidade, empatia e tempo para iniciar uma discussão com a classe”, afirma Ralph Levinson, da Universidade de Londres. “Já nas aulas de humanas, os fatos científicos aparecem casualmente e as discussões fluem com mais naturalidade.” ●

■ Ameaça nuclear que vem do passado

Norte-americanos na faixa dos 50 anos que não tenham saído do país até o início dos anos 60 correm risco de vida. Paira sobre eles a invisível, mas concreta, ameaça da radiação. É o que revela estudo preliminar dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC). A pesquisa avaliou a exposição à radiação e seus efeitos à saúde entre 1951 e 1962 e concluiu que testes com bombas nucleares realizados em território americano podem estar relacionados a 11 mil mortes e milhares de casos de câncer de tireóide – de 10 mil a até 200 mil, nas estimativas mais pessimistas. “Qualquer pessoa que não tenha saído dos Estados Unidos desde 1951 já foi exposta a resíduos radiativos, e todos os órgãos e tecidos do corpo receberam alguma dose de radiação”, informa o estudo. Os dados são contestados por alguns cientistas e ainda serão analisados pela Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Eles estão disponíveis no site www.ieer.org, do Instituto de Energia e Pesquisa Ambiental. ●



Teste nuclear em Nevada, em 1953: conseqüências nefastas

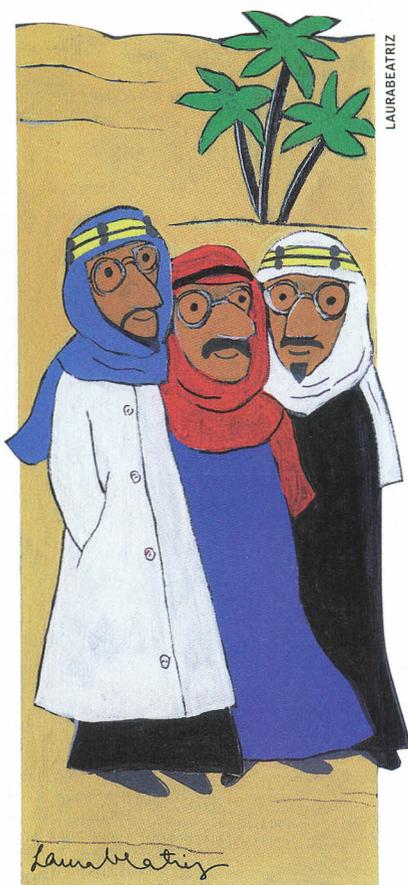
■ Renascimento no deserto

O mundo árabe parece mais disposto a investir em ciência e tecnologia. Em março, houve um encontro em Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, da Fundação Árabe de Ciência e Tecnologia (ASTF), para definir prioridades em C&T. O conselho da fundação planeja destinar US\$ 150 milhões nos próximos cinco anos para pesquisa. A ASTF foi criada em 2000 com a missão de fazer renascer a ciência na região, que já teve, no passado, uma produção riquíssima. Quando a Europa estava mergulhada nas trevas, na Idade Média, os árabes desenvolveram a álgebra e a moderna astronomia, por exemplo. Hoje, a situação é inversa. Coletivamente, as nações árabes gastam apenas 0,15% do Produto Interno Bruto (PIB) com pesquisa e desenvolvimento (P&D) – a média mundial é de 1,4%. Nos últimos anos, o PIB dos países do Oriente Médio tem caído, e muitos deles começam a investir em C&T na esperança de voltar a crescer – desta vez, com base também em petrodólares. Segundo editorial da revista *Nature* (14 de março), os sinais são promissores. Especialmente porque os cientistas árabes querem de fato incrementar o intercâmbio com os pesquisadores do Ocidente e suas instituições. Obviamente, tal cooperação apresenta riscos, dados os conflitos políticos constantes no Oriente Médio. Por isso, a ASTF aposta também nas doações individuais. O melhor exemplo vem justamente dos judeus, oponentes históri-



Quadros de Maurice la Tour (à esq.) e de Chardin: visita virtual

cos dos árabes. O Instituto de Ciência Weizmann, em Israel, recebe 17% de seu orçamento anual (cerca de US\$ 180 milhões) de doações. Mais da metade disso vem de judeus estabelecidos nos Estados Unidos. A ASTF terá muito a ganhar se convencer árabes norte-americanos endinheirados a fazer como seus rivais judeus e apoiar a pesquisa. •



■ O Museu do Louvre, 100% digital

O maior e mais completo museu virtual do mundo. É assim que o já famosíssimo Museu do Louvre, em Paris, quer ficar ainda mais conhecido a partir do próximo ano, quando lança uma versão turbinada de seu *site* (www.louvre.fr). Totalmente interativa e didática, a reformulada página eletrônica do Louvre vai, literalmente, colocar *on-line* todas as obras de seu inigualável acervo permanente, inclusive o mítico *Monalisa*, de Leonardo Da Vinci. Os internautas poderão conhecer cerca de 165 mil trabalhos, que datam da Antiguidade até meados do século 19. Além de apreciar versões digitais de 35 mil trabalhos, os visitantes do *site* poderão ver reproduções de 130 mil desenhos que, por serem frágeis e precisar de condições especiais de conservação, não são normalmente expostos às cerca de 6 milhões de pessoas que visitam o museu. Essa reforma digital deve consumir entre 6,5 e 8 milhões de euros. O museu espera passar dos atuais 6 milhões de turistas virtuais por ano para algo entre 10 e 15 milhões. •

■ Clonagem na boca do planeta

Três empresas norte-americanas – Geron, Advanced Cell Technology e Infigen – brigam pelo controle da patente da clonagem de plantas e animais, mas quem saiu na dianteira da pesquisa científica foi a Grã-Bretanha. A Câmara dos Lordes autorizou a clonagem humana para fins terapêuticos, ou seja, para obter células-tronco embrionárias que serão utilizadas na busca de tratamento de doenças, como mal de Alzheimer, Parkinson e lesões cardíacas. Enquanto isso, os Estados Unidos apresentaram às Nações Unidas uma proposta que equipara a clonagem humana terapêutica à reprodutiva – aquela que visa a gerar cópias de seres humanos – e pede para ambas proibição internacional. O presidente George W. Bush apóia um projeto de lei apresentado no Senado para fechar definitivamente as portas a esse tipo de pesquisa, mesmo com a oposição dos principais cientistas do país. Já na Grã-Bretanha, equipes das universidades de Edimburgo (Escócia), Cambridge, Sheffield e Newcastle estão se preparando para trabalhar com células-tronco embrionárias humanas. George Radda, chefe executivo do Conselho de Pesquisa Médica britânico, diz esperar atrair mais pesquisadores estrangeiros, seniores e jovens, assim como empresas de biotecnologia. Rússia e Brasil também debatem o tema. Os russos aprovaram uma norma que impõe moratória de cinco anos à clonagem (não inclui fins terapêuticos). No Brasil, o Senado discute a proibição para fins reprodutivos, com pena de até 20 anos para infratores. •

MUSEU DO LOUVRE

LAURABEATRIZ

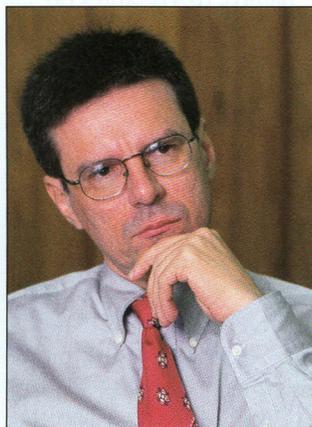
■ Mais chances para negros

Os ministérios da Ciência e Tecnologia, da Justiça, das Relações Exteriores e da Cultura assinaram em março um protocolo para tornar viável a concessão de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a candidatos negros que desejem estudar no Instituto Rio Branco. O objetivo é estimular o ingresso de negros na carreira diplomática. Também foi instalado o Conselho Científico e Tecnológico Palmares, criado para indicar meios de ampliar a participação do negro no sistema de C&T do país. Uma das providências do conselho é descobrir quantos são os pesquisadores e alunos de pós-graduação negros. Embora 45% da população brasileira seja composta de negros e pardos, dados do Ministério da Educação mostram que apenas 2,2% dos brasileiros que concluem os cursos universitários públicos ou privados pertencem a essa classificação racial. •

■ Brito Cruz assume reitoria da Unicamp

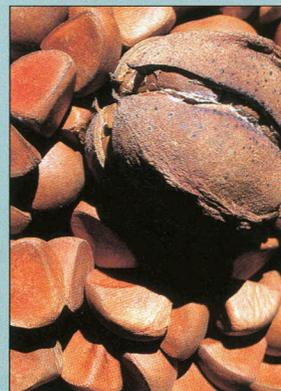
O presidente da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, assumiu no dia 19 de abril a reitoria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no lugar de Hermano Tavares. Brito teve 51,77% dos 9.348 votos válidos, vencendo a consulta nos três segmentos da comunidade acadêmica: docentes, funcionários e estudantes. Com isso, foi eleito sem necessidade de segundo turno e teve seu nome confirmado pelo governador, Geraldo Alck-

min. O novo reitor assume defendendo que o papel singular da universidade é educar. Segundo ele, o principal impacto da universidade na vida nacional se dá por meio dos estudantes, que vão ocupar posições nas quais exercerão liderança intelectual. Para garantir essa boa educação, é importante a atividade excelente de pesquisa, fundamental ou aplicada, e uma interação maior com diferentes setores da sociedade. “Para isso, é imprescindível o compromisso com a liberdade acadêmica”, diz. Aos 45 anos, nascido no Rio de Janeiro e criado em São Paulo, Brito formou-se em engenharia eletrônica no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e pós-graduou-se no Instituto de Física da Unicamp, do qual veio a ser diretor por duas vezes. Foi pesquisador do Instituto Ítalo Latino-Americano/CNR na Universidade de Roma, Itália, e fez o pós-doutorado na ATT-Bell Labs, Estados Unidos. Foi nomeado presidente da FAPESP em 1996 e reconduzido ao cargo em 1998 e 2000. Publicou mais de 60 artigos em revistas técnicas especializadas e é um dos físicos brasileiros mais citados na literatura científica internacional. •



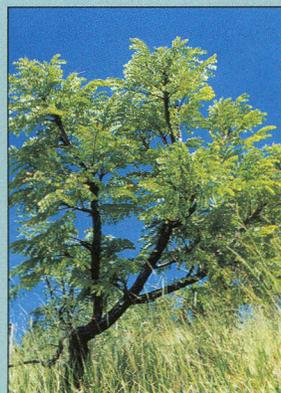
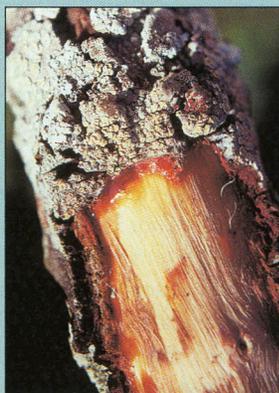
FLAVIO CANNALONGA

Bruto: 51,77% dos votos



FOTOS DE SILVESTRE SILVA

A andiroba (fotos acima) e o barbatimão (abaixo)...



...são algumas das plantas armazenadas pelo banco

Proteger o conhecimento

A criação do Núcleo Nacional para Conservação, Proteção e Manejo Sustentável de Plantas Medicinais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) agrega uma estratégia que, se não é nova, também não é comum. O objetivo do núcleo é estimular a pesquisa dessas plantas para conservar, proteger e manejar as espécies. Um banco de dados vai agregar as informações disponíveis. Nesse começo de trabalho, os pesquisadores centraram fogo em cerca de 70 espécies –

será disponibilizado para pesquisadores via Internet. O que se está fazendo de diferente é que as informações estarão relacionadas à comunidade de onde sairão essas mesmas informações. “É muito comum termos todos os dados sobre determinada planta e não sabermos quais as fontes primárias deles, ou seja, de qual comunidade o pesquisador colheu as primeiras informações”, diz a coordenadora Suelma Ribeiro. “Divulgar esses dados é também uma maneira de proteger e dar credibilidade ao conhecimento adquirido.” •

■ Prêmio Jovem Cientista

O racionamento acabou, mas a preocupação com o sistema energético brasileiro continua. Os prêmios Jovem Cientista e Jovem Cientista do Futuro deste ano têm como tema *Energia elétrica: geração, transmissão, distribuição e uso racional*. As inscrições de ambos estão abertas até 28 de junho. Os prêmios são promovidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Gerda e Fundação Roberto Marinho. Para conhecer o regulamento e inscrever-se, basta acessar o *site* www.jovencientista.cnpq.br. Os prêmios vão de R\$ 2 mil a R\$ 15 mil, dependendo da categoria. A instituição que inscrever o maior número de candidatas com trabalhos ganha R\$ 30 mil. •

■ Pesquisa FAPESP é relançada

A revista *Pesquisa FAPESP* foi lançada comercialmente no dia 27 de março. A publicação, que começou como um boletim informativo em agosto de 1995 e virou revista em outubro de 1999, sempre foi distribuída gratuitamente para os pesquisadores

do Estado de São Paulo. Em março, passou a aceitar assinatura e publicidade paga, embora os pesquisadores paulistas continuem a recebê-la sem ônus. Ela também está sendo distribuída em algumas bancas de São Paulo, Campinas, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto e São Carlos. O lançamento reuniu a diretoria da FAPESP, pesquisadores, empresários, jornalistas e colaboradores para um coquetel em meio à exposição das principais capas da revista. O presidente da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, abriu o evento comentando sobre a importância que a revista tem na divulgação dos projetos de pesquisa financiados pela Fundação. “Hoje, é comum lermos nos principais meios de comunicação do país sobre trabalhos científicos financiados pela FAPESP tendo como referência a revista que publicamos”, disse. O coordenador adjunto da Diretoria Científica e professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), Luiz Henrique Lopes dos Santos, concorda. “O novo projeto da revista, um órgão de disseminação do conhecimento científico, é harmônico com a missão da FAPESP”, afirmou Santos. •

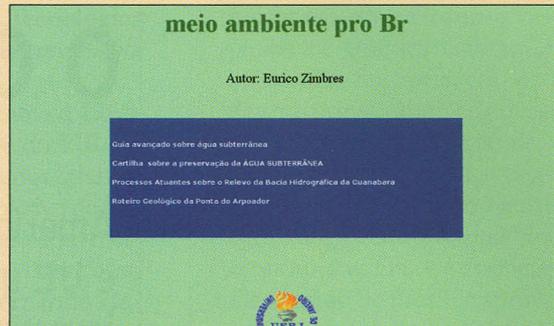


Exposição das capas da revista no lançamento comercial

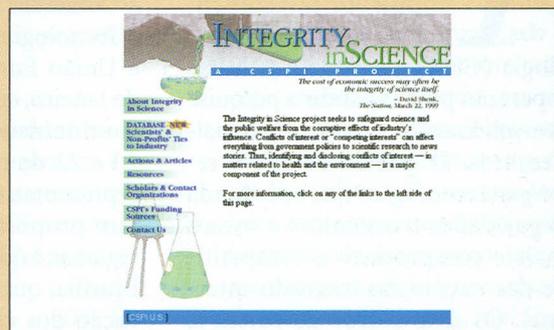
EDUARDO CESAR

Ciência na web

Envie sua sugestão de *site* científico para cienweb@trieste.fapesp.br



www.meioambiente.pro.br/agua/guia/aguasubterranea.htm
Um guia específico sobre águas subterrâneas, em português, com informações científicas e escritas de modo didático



cspinet.org/integrity/
Grupo discute ciência, bem-estar público e os possíveis efeitos corruptores relacionados a interesses particulares da indústria



www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/index.htm
Site dirigido a profissionais de saúde sobre a ideia de risco, especialmente risco epidemiológico. Há textos, bibliografia e links sobre o tema.